

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS | CURTAS-METRAGENS DO IADE
23 de maio de 2023

IN BETWEEN / 2022

Câmara, Som, Montagem e Realização: Jannis Wiebush / Cópia: Ficheiro, cor, 5 minutos.

FOCUS / 2022

Câmara, Som, Montagem e Realização: Sara Rodrigues / Cópia: Ficheiro, cor, 3 minutos

LILO / 2022

Câmara, Som e Realização: Diogo Torres e Judite Martins / Montagem: Judite Martins /
Cópia: Ficheiro, cor, 11 minutos

UM DIA NA VIDA DE UM FOTÓGRAFO DE VIDA SELVAGEM / 2022

Câmara, Som, Montagem e Realização: João Maria Santos, Vasco Coelho / Cópia:
Ficheiro, cor, 18 minutos

VAI TUNA / 2022

Câmara, Som e Realização: Kelly Palma e Júlia Mostaert / Montagem: Kelly Palma /
Cópia: Ficheiro, cor, 12 minutos

Sessão com apresentação

Uma aventura sem recuo

Da imagem fixa à imagem em movimento: os filmes que nesta sessão são apresentados pertencem a estudantes cuja formação de base é a imagem fixa, a fotografia (curso de Fotografia e Cultura Visual do IADE -Universidade Europeia). E nestes trabalhos cinematográficos, os estudantes permitiram-se experimentar o movimento no interior do plano, os movimentos entre planos, o movimento que atravessa toda a duração fílmica de uma determinada peça exibida que, neste caso, será feita em grande ecrã, na Cinemateca Portuguesa. Foi esse o desafio do movimento que os estudantes enfrentaram ao colocarem as suas câmaras fotográficas a filmarem. E

mais uma componente lhe juntaram, com inteligência e dedicação: **o som**. E é do maravilhamento perante estas possibilidades de manipulação do **movimento** e do **som** que saem estes filmes. A fixidez ainda lá está nos planos que produziram, mas os estudantes deram-se à oportunidade de a descentrar, misturar, introduzi-la num elemento também extremamente importante à natureza do cinema: **o tempo**. Uma linha do tempo que necessita de ser colocada num quadro narrativo, com pequenos e grandes acontecimentos, com recortes, com linhas que balançam infindamente: fazer o espectador mergulhar numa duração e acompanhá-lo, transtorná-lo, chamar-lhe a atenção para um detalhe (que incrível é o grande plano!), fazê-lo recuar a uma memória (que maravilha é o corte entre dois diferentes planos), fazê-lo estabelecer uma associação (como é interessante colocar lado a lado coisas que a nossa percepção natural nunca o poderia fazer).

O mundo mirabolante das imagens em movimento dá-se à experimentação e foi o que estes estudantes fizeram em estado de descoberta, de indagação curiosa, mas também de hesitação e dúvida. Assinale-se que neste programa, existem dois filmes cujo tema é a própria fotografia e as suas particularidades: como se faz, como se apresenta e, sobretudo, a paixão que a imagem fixa provoca em quem a produz. Ou seja, os entusiasmados estudantes não deixaram de usar o cinema para refletir sobre a próprio acto de fabricação da fotografia. Veem assim como é possível mesclar diferentes áreas artísticas?

A maioria dos filmes apresentados nesta sessão de Cinemateca Portuguesa foram trabalhados no âmbito da unidade de Filme e Imagem Documental. E é isto que deve ser sublinhado: uma instituição como o IADE-Universidade Europeia que ensina fotografia – imagem fixa – também sabe que o labor sobre a imagem em movimento pode fazer germinar novas ideias para a própria imagem parada. Ambas se complementam, desafiam, lutam uma contra a outra, avançam e recuam, em múltiplas formas de contágio. Contaminemos, pois, a fixidez e a fluidez, sem necessidade de espartilhar campos disciplinares e vejamos o que daí poderá nascer, em deslumbramento total. Vale dizer que o programa parte de uma seleção de filmes, por não ser humanamente possível ver todos os filmes da turma de Filme e Imagem Documental, numa eventual longa sessão. Mas todos os alunos estão aqui representados por se terem lançado na aventura da fabricação de imagens em movimento. Que eles venham a descobrir o amor pelo cinema, que é o mesmo que dizer, a cinefilia, que eles se aventurem por ter várias experiências de visionamento de filmes nesta mesma casa, a Cinemateca Portuguesa, numa sala escura, partilhando o momento com outros espectadores, ou seja, voltando a esse acto comunitário de ver cinema em conjunto com outros num grande espaço, com um largo ecrã.

Que esta seja uma sessão de celebração da imagem fixa e da imagem em movimento, das experimentações com o tempo e o som e da coragem e da aventura de quem pôs a câmara fotográfica a trabalhar para fazer cinema! Que mais venham a descobrir a singularidade da experiência cinematográfica e a praticá-la como quem o faz pela primeira vez: sempre!

José Filipe Costa